

O CÉREBRO TAQUIGRÁFICO: UM SUPERPROCESSADOR

PROF. WALDIR CURY

Taquígrafo-revisor aposentado da Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro

Professor de Taquigrafia

Membro da Comissão de Educação da INTERSTENO

Website: <http://www.taquigrafiaemfoco.com.br>

- CARACTERÍSTICAS DA TAQUIGRAFIA
- APRENDIZAGEM
- CONQUISTA GRADUAL DA VELOCIDADE
- EXERCÍCIO PARA O CÉREBRO
- VARIEDADES

“A arte de escrever tão rápido quanto se fala é o mais alto triunfo da escrita.”

Karl Faulmann

A escrita é uma das maiores invenções do homem. E a taquigrafia, no dizer de Karl Faulmann, o seu mais alto triunfo.

A grafia comum usa letras do alfabeto. Juntam-se letras, sílabas, formam-se palavras, frases, e vai-se escrevendo em linha: há uma linearidade. Com exceção do pingo no i, do pequeno traço que corta o t, dos acentos e dos sinais de pontuação, a grafia comum é realizada quase sem levantar a mão.

A escrita taquigráfica difere em muito da grafia comum: tem características peculiares. Os sinais taquigráficos são, em geral, retirados da Geometria: pequenos traços horizontais, verticais, oblíquos, pequenos círculos, pedaços de círculos, pontos, semi-retas, pequenos ganchos, traços que se vão unindo ou desunindo, assumindo diferentes posições, ora em cima, ora embaixo, ora no meio, ora na frente, ora atrás. Não há, como na grafia comum, uma linearidade. Levanta-se a mão com frequência. Esse levantar amiúde da mão costuma ficar imperceptível devido à rapidez e fluência com que se taquigrafa.

A taquigrafia é um sistema gráfico que se regula, em geral, pela Fonética. Daí chamar-se a taquigrafia uma “escrita fonética”. Na taquigrafia, cada sinal representa um determinado som. Um mesmo sinal pode ter vários tamanhos para significar diferentes sons. E dependendo do lugar que ocupa na pauta, (embaixo ou em cima, aqui ou ali) representará um som específico. Um sinal ligado a outro tem um significado sonoro; separado, outro. Um simples espaço entre dois sinais pode ser também indicativo de um som diferenciado. Os detalhes diferenciais e determinantes de signos e sons variam de método para método.

➤ COMPACTAÇÃO

Um atributo essencial da escrita taquigráfica é a sua compactação. Ao contrário da grafia comum, extensa e vagarosa, é a taquigrafia um sistema de sinais gráficos que prima por ser sucinta, breve, limitada ao estritamente essencial.

Enquanto a grafia comum usa duas, três ou quatro letras para formar uma sílaba, a taquigrafia consegue a proeza de usar um único sinal.

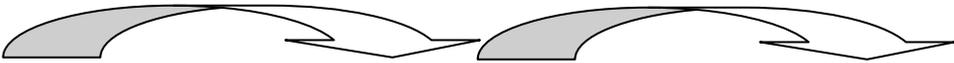
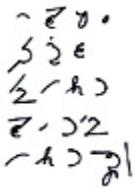
Além dos sinais básicos, tem a taquigrafia os chamados “sinais iniciais especiais” e os “sinais terminais especiais”, que compactam ainda mais o já conciso sistema gráfico. Vale dizer, com apenas um sinal taquigráfico abrevia-se um conjunto de sílabas da grafia comum. Exemplo: um pequeno sinal taquigráfico resume a terminação “bilidade”.

A taquigrafia é, então, por excelência, a escrita que comprime. Comprime, num único sinal, várias sílabas iniciais e terminais. E alcança maiores taxas de compressão quando resume frases inteiras a um só sinal taquigráfico, os chamados “sinais convencionais”, “abreviaturas”, “taquigramas”.

Usando um termo da Informática, podemos dizer que a taquigrafia usa um “codec” áudio-gráfico. Compacta na hora de taquigrafar e descompacta na hora de traduzir. A frase que foi escutada e compactada num único sinal taquigráfico terá, na hora da tradução, este pequeno sinal descompactado numa frase inteira.

A intensidade da compactação é que faz, às vezes, um ditado de 120 palavras por minuto ser mais difícil de taquigrafar do que outro de 135 palavras por minuto. No de 120 ppm, um trecho pode ser composto de muitas palavras extensas, que exigem maior esforço de compactação, significando mais sinais taquigráficos a serem taquigrafados. Já um trecho, ditado na velocidade de 135, que contém grande quantidade de sinais

terminais e iniciais especiais e de sinais convencionais, terá uma compactação maior e, como consequência, menos sinais taquigráficos a serem taquigrafados.

		
<p>A taquigrafia usa um “codec” áudio-gráfico. Compacta na hora de taquigrafar e descompacta na hora de traduzir.</p>		<p>A taquigrafia usa um “codec” áudio-gráfico. Compacta na hora de taquigrafar e descompacta na hora de traduzir.</p>

➤ SISTEMAS E MÉTODOS DE TAQUIGRAFIA

Da mesma forma que existem vários tipos de alfabetos (o latino, o grego, o árabe, o cirílico, etc...) há também vários sistemas de taquigrafia. A grande maioria são os sistemas chamados geométricos (sinais tirados da Geometria). Há ainda os sistemas cursivos e os sistemas mistos. Sistemas que usam letras do alfabeto são chamados sistemas alfabéticos.

Cada método taquigráfico é totalmente diferente do outro. Os sinais de cada método, bem como as regras em que se baseiam, diferem a tal ponto, no que diz respeito ao significado sonoro, que o taquígrafo de um método não consegue ler outro método.

Percorrendo a História da Taquigrafia, constatamos como os sistemas taquigráficos evoluíram, seus autores sempre buscando uma maior simplificação, um melhor traçado, diligenciando por tornar o sistema mais ágil, flexível e eficaz. Em geral, um autor procurava corrigir imperfeições de determinado sistema e criava um novo. Outro autor analisava diversos sistemas, retirando o melhor de cada um deles para construir um outro sistema. Este foi o caso do professor de Oxford, Samuel Taylor, chamado de “o Pai da Taquigrafia Moderna”. Em 1786, após analisar vários sistemas de taquigrafia, criou um método revolucionário para a época, que ficou conhecido como Sistema Taylor. Assim se expressou Taylor para falar da sua decisão de criar um novo

sistema: *"No transcurso da minha dedicação a este estudo, examinei minuciosamente mais de quarenta publicações e manuscritos sobre Estenografia; alguns deles, sem dúvida, têm suas perfeições; mas não há nem um com o qual eu esteja plenamente satisfeito."*

Centenas de milhares de sistemas de taquigrafia foram gerados assim, a partir de outros sistemas, desde as Notas Tironianas (o primeiro sistema organizado de taquigrafia – séc. 1º a.C).

➤ ADMINISTRAR O ESPAÇO

Outra característica da taquigrafia é o fato de que, além de taquigrafar no papel os sinais taquigráficos com rapidez e fluência, o taquígrafo terá de ir administrando, simultaneamente, o *espaço* em que está escrevendo, pois a falta de administração do espaço de modo adequado poderá acarretar dificuldades de compreensão de determinados sinais no momento da tradução.

A importância dessa administração atenta do espaço é melhor entendida quando sabemos que a finalidade primordial da taquigrafia é a interpretação/tradução. Um sinal mais junto do outro do que deve estar, mais afastado, mais embaixo ou mais em cima, poderá tornar difícil a tradução. Por isso, na medida em que o taquígrafo taquigrafava, ele vai cuidando de construir no papel um mapa visual onde cada sinal, cada taquigrama fique no lugar adequado. Esta técnica relativa à administração do espaço é adquirida na medida em que se avança no treinamento da velocidade taquigráfica e na medida em que se cria o hábito de traduzir tudo que se taquigrafou. É traduzindo que se vê onde houve o erro (gráfico-espacial) e por que razão houve o erro. Neste ponto, a leitura taquigráfica tem um papel pedagógico importante na formação, desenvolvimento e aperfeiçoamento do aprendiz de taquigrafia.

➤ EXATIDÃO

Uma outra grande diferença entre os dois sistemas de escrita (a comum e a taquigrafia) é relativa à exatidão com que se escreve. Enquanto na grafia comum não é tão imprescindível a perfeição das letras para um entendimento posterior, na taquigrafia a perfeição do traçado é crucial. E essa perfeição dos sinais, esse desenho esmerado de cada traço, é aprendido, treinado, desenvolvido e aperfeiçoado desde o começo da aprendizagem. Deve ser praticada e aprimorada em cada ditado e a cada nova velocidade que se alcança.

O taquígrafo vai taquigrafando e ao mesmo tempo cuidando da exatidão, cuidando de fazer um traçado perfeito para que possa ser posteriormente traduzido. Há, neste particular, um *processamento integrado* do cérebro, que vai cuidando de várias coisas ao mesmo tempo. Trata-se de uma grande e complexa atividade intelectual: escutar, converter o som escutado num sinal gráfico, cuidar da perfeição, corrigir possíveis erros ou “embaralhamento de dados”, “ver interiormente, no cérebro, o sinal taquigrafado”, e, por fim, taquigrafar no papel. Ao taquigrafar um sinal errado no papel, o cérebro se dá conta do erro, a informação é “reenviada” para a mão, que, em frações de segundos o corrige, riscando rapidamente o erro e taquigrafando o sinal correto.

➤ A VELOCIDADE TAQUIGRÁFICA ESTÁ NO CÉREBRO

É importante salientar que a velocidade taquigráfica está no cérebro e não, como muitos pensam, na mão. É no cérebro que os sinais taquigráficos são elaborados, é nele que o som é transformado em sinal gráfico. A mão vai taquigrafar o sinal pronto enviado pelo cérebro.

Quando o cérebro não consegue “desenhar instantaneamente” os sons de uma palavra, quando ocorre a dúvida, a hesitação na elaboração de um sinal taquigráfico, a mão trava, a fluência gráfica é interrompida, uma ou várias palavras são perdidas, o apanhamento taquigráfico é prejudicado.

Em relação à grafia comum, a taquigrafia não é mais difícil nem menos difícil de aprender: é apenas um sistema de grafia diferente. Na verdade, o que faz a taquigrafia parecer “mais difícil, mais complexa”, é o tempo menor de uso diário que se faz da taquigrafia. Vamos, então, analisar este tópico.

Tão logo uma criança é alfabetizada, logo mergulha num verdadeiro oceano de letras. E na medida em que vai crescendo, estudando, fica permanentemente em contato com a leitura e a escrita. Começa a ler livros escolares, livros de histórias, outdoors, letreiros luminosos, anúncios, jornais, periódicos, rótulos, etc. Fica em contato permanente, o dia inteiro, com a escrita e a leitura.

O desenvolvimento, o progresso e a fluência na escrita/leitura é permanentemente estimulada, na medida em que o *sujeito da aprendizagem* tem um imenso arsenal de

leitura e escrita colocado à sua disposição o dia inteiro, todos os dias, todos os meses, ano após ano. A capacidade de escrita e leitura se aperfeiçoa no curso de milhares de horas de prática. Essa imersão total nas letras vai lhe dando o domínio total da leitura e da escrita. E chega a tal grau de proficiência, que ao ver, por exemplo, um anúncio, já não soletra mais, não lê mais palavra por palavra, mas apreende o todo, compreende logo a mensagem. Ao ver um letreiro de uma padaria, ele não lê mais as letras individualmente, tampouco as sílabas. Apreende o significado global apenas num vislumbre: *padaria*.

O contato de um taquígrafo com a taquigrafia (em relação ao alfabetizado na grafia comum) é mínimo. É mínimo em volume, em quantidade e em intensidade. Esse pouco contato diário com os sinais taquigráficos, essa falta de imersão total, são, sem dúvida nenhuma, a causa primordial da “hesitação mental” na hora de taquigrafar, que atrapalha e atrasa a fluência e a velocidade da escrita e a fluência da leitura.

Façamos agora, com a nossa imaginação, um passeio por uma “cidade taquigráfica”, onde tudo é escrito em taquigrafia. Você nasce nessa cidade, é “alfabetizado” em taquigrafia, e desde criança vê, lê, e escreve tudo em taquigrafia. Livros, revistas, outdoors, avisos, propagandas, revistas em quadrinhos, letreiros de lojas, filmes dublados, tudo escrito em taquigrafia! Você passa meses, anos, só vendo sinais taquigráficos, lendo e escrevendo com sinais taquigráficos. É claro que em tais circunstâncias será eliminada de uma vez por todas a “hesitação mental” e você terá um domínio total da taquigrafia, com uma rapidez de leitura e fluência de escrita inimagináveis.

➤ A CONQUISTA DA VELOCIDADE TAQUIGRÁFICA

A conquista da velocidade se dá passo a passo, degrau por degrau, através de treinamento de ditados progressivos. O treino constitui uma verdadeira “malhação taquigráfica”, uma ginástica intelectual, que vai amadurecendo, fortalecendo a capacidade do cérebro de elaborar os sinais taquigráficos cada vez mais instantaneamente.

A aquisição da velocidade taquigráfica demanda treino, tempo, estudo aplicado. É preciso “digerir bem” cada ditado. As palavras de difícil traçado e os sinais convencionais de cada ditado devem ser treinados, repisados, de forma sistemática e concentrada, várias vezes, hoje, amanhã, durante vários dias.

Taquigrafia é assim: a conquista diária de “pequenas vitórias”. Cada pequena vitória vai reforçando a motivação: e sucesso gera sucesso.

Referindo-se à alfabetização, diz José Juvêncio Barbosa, em seu livro “Alfabetização e Leitura”:

“Nessas condições, o processo de aprendizagem é composto, antes de tudo, de momentos de experiência ou familiarização, intercalados por momentos de sistematização, voltados para a observação, comparação, dedução etc.”

É interessante essa abordagem relativa à alfabetização da grafia comum, pois é exatamente assim que se dá a “alfabetização” dos sinais taquigráficos. Para conseguir a familiarização dos sinais, é imprescindível um estudo e treino sistemático, é necessário o envolvimento do aluno naquilo que aprende em cada lição, através da “observação, comparação, dedução” dos sinais. É com o treino sistemático que o aluno adquire a familiarização com os sinais taquigráficos, aprende o traçado e as ligações, e aprende a identificar e decifrar cada palavra taquigrafada. Só com exercícios e estudo aplicado, os sons convertidos em códigos gráficos conseguem ser decifrados, interpretados, traduzidos pelo sentido intuído.

➤ O CÉREBRO E O PROCESSAMENTO DOS SINAIS TAQUIGRÁFICOS

Ao avançar no treinamento da velocidade (mais palavras acrescentadas em cada minuto), aumenta consideravelmente o volume de dados a serem processados pelo cérebro. Vai ficando cada vez mais intensa e mais complexa a atividade intelectual! Maior volume de dados, maior quantidade de palavras escutadas exige maior rapidez na construção mental dos sinais taquigráficos, requer maiores doses de concentração.

Comparemos a velocidade de raciocínio de um mesmo texto ditado a 20 palavras por minuto e a 60 palavras por minuto.

A cada aumento de velocidade, principalmente em velocidade mais elevadas, redobra-se o tempo gasto para o domínio daquela velocidade. Podemos comparar essa subida a uma escada, em que, quanto mais se sobe, mais largos vão ficando os degraus, ou seja, maior a distância (tempo de estudo aplicado) que se tem de percorrer para passar para o próximo nível.

É interessante notar que o volume de sons convertidos em códigos gráficos (sinais taquigráficos) vai aumentando, mas ao mesmo tempo *compactando*, no tempo de um minuto. Vale dizer, maior volume de dados a serem processados, maior compactação. Vinte palavras num minuto, sessenta palavras num minuto – e, mais adiante, cento e

vinte palavras num minuto! Isso sem falar na quantidade de sinais taquigráficos que são exigidos para determinadas palavras com muitas sílabas, que são taquigrafadas apenas com os sinais básicos, ou seja, sem a compactação especial que os sinais terminais e iniciais, bem como as convenções, oferecem.

A prática diária demonstra que para passar de uma velocidade alta, de 120 ppm para 130 ppm, é necessário maior tempo de treinamento, maior quantidade de ditados, maior dedicação, mais estudo metódico, mais perseverança.

Usando um termo da Informática, podemos dizer que a cada nova velocidade que se galga, fazemos um “upgrade” nas áreas do cérebro responsáveis por todo esse aprendizado, treinamento e aquisição da velocidade taquigráfica, essas múltiplas operações simultâneas (ouvir o som, transformá-lo em sinal gráfico no cérebro e transportá-lo para o papel com a mão. Colocamos em nosso cérebro um “processador” mais potente, um pente de memória mais eficaz. Graças a esse processador mais potente e a esse “pente de memória mais eficaz”, a cada nova velocidade, amadurecemos, exercemos um maior domínio, temos um melhor desempenho na arte de taquigrafar.

Este ponto é importante frisar: na medida em que as velocidades vão ficando maiores (90, 100, 120 ppm), mais tempo de treinamento se faz necessário. Há todo um processo de amadurecimento, maturação, que precisa ser observado. À proporção que vamos treinando ditados progressivos de velocidade, vamos criando em nosso cérebro conexões novas (sinapses), que vão se adaptando a pouco e pouco a esse volume maior de dados processados. São conexões de alta velocidade – em que a velocidade é medida em palavras por minuto. É uma torrente de sons que são escutados, transformados em sinais gráficos no cérebro, e taquigrafados no papel.

No processo de taquigrafar, o cérebro vai enviando para a mão, por assim dizer, várias instruções por segundo, vai pegando, na grande biblioteca (banco de dados), na memória de longo prazo, onde está armazenada a imensa gama de sinais básicos, de abreviações e de sinais iniciais e terminais. Nas altas velocidades, isso representa um gigantesco processamento de informações. Trata-se de uma “conexão de alta velocidade” (banda larga), em que a velocidade é mensurada em palavras por minuto.

Quanto mais estiverem consolidados na memória de longo prazo os sinais taquigráficos, quanto mais sólida for a retentiva, mais rápido se fará esse envio de dados, em que o cérebro converte o som escutado para um sinal gráfico.

➤ O ESTUDO APLICADO

Só o estudo de médio e longo prazo, só o engajamento num *estudo aplicado* e metódico, só repetições constantes, só a dedicação e a persistência, que implicam na superação constante de desafios, conseguem o amadurecimento necessário, que vai eliminando cada vez mais a hesitação mental e aumentando a “velocidade de conexão” cérebro-mão. Num *estudo aplicado* o taquígrafo vai “refinando” sua estrutura de conhecimento taquigráfico básico (reforçando os alicerces), e vai galgando, a pouco e pouco, novos patamares de proficiência, que culminam no pleno desenvolvimento da habilidade.

No artigo “Mentes Brilhantes”, de Philip E. Ross, da revista “Scientific American”, encontramos este trecho bastante interessante: “*O ESTUDO APLICADO é a chave para obter sucesso no xadrez, na música clássica, no futebol e em muitos outros campos. Novas pesquisas indicam que a motivação é um fator mais importante que a habilidade inata.*”

E diz mais o artigo: “*Motivação e treinamento intensos também podem elucidar as façanhas de crianças prodígio famosas, como o compositor austríaco Wolfgang Amadeus Mozart e o jogador de golfe americano Tiger Woods.*”

De modo que taquigrafar em altas velocidades é coisa que se aprende, que se adquire. Mas para chegar lá é necessário, então, mais do que a habilidade inata, grande dose de motivação, de dedicação, paciência e trabalho duro. É preciso treinar com afinco para a estratégia funcionar e dar resultados. Sem um treino constante (e, melhor ainda, diário), ascender a níveis altos de velocidade taquigráfica é impossível, como impossível é, para um pianista, executar uma peça difícil de um grande compositor, sem esse treino repetitivo e diário. A mente rápida e exímia de um taquígrafo e o desenvolvimento da destreza são um produto de treinamento, mais do que da capacidade inata. É preciso, pois, prática, prática e mais prática.

O aprendizado da habilidade taquigráfica é sinônimo do aprendizado e desenvolvimento da habilidade motora, o desenvolvimento gradual de um comportamento coordenado, do condicionamento reflexo, automático e preciso. O aprendizado progressivo dessa habilidade se reflete no aumento gradual da rapidez da resposta cérebro-mão. Aos poucos, e cada vez mais, na medida em que treina metodicamente ditados de velocidade (treino técnico), adquire o taquígrafo aquela que é a característica peculiar da taquigrafia: a simultaneidade no ouvir/taquigrafar diferentes oradores, diferentes cadências e inflexões de voz, diferentes ritmos.

Sobre essa habilidade adquirida e sua localização no cérebro, podemos ler no artigo “Aprendizado das Habilidades”, de Larry Squire e Eric Kandel, na revista “Viver-Mente&Cérebro”, o seguinte: “*Após a tarefa ter sido praticada por muito tempo, a atividade do córtex pré-frontal, do córtex parietal e do cerebelo diminui, enquanto a do córtex motor e da área motora adjacente aumenta. Estas duas últimas regiões talvez sejam aquelas que, com o neo-estriado, armazenam a informação relativa às habilidades na memória de longo prazo e permitem a execução fluente dos movimentos da habilidade adquirida.*”

➤ MEMORIZAÇÃO

Tanto na fase do aprendizado, quanto na fase do treinamento da velocidade, e em toda atividade taquigráfica, a memória exerce um papel preponderante. Ao longo do estudo da taquigrafia, há uma permanente exercitação da memória. Essa exercitação torna-se incomparável, pois a cada nova velocidade que se treina, exige-se da memória um trabalho mais rápido. Explicando isso num linguajar coloquial, é como se ordenássemos à memória num ditado de 60 palavras por minuto: “pense e elabore os sinais rapidamente, na velocidade de 60 ppm!” Num ditado de 70: “agora pense e elabore os sinais mais rapidamente ainda!” E assim sucessivamente...

Há lógica em dizer-se que a taquigrafia e a memorização são dois termos que se completam, pois não se concebe a taquigrafia sem um exercício permanente de memorização.

É fato que existem dois tipos de memória: a de *curto prazo* e a de *longo prazo*. A de curto prazo é a memória transitória, efêmera. Para que ela se torne uma memória de longo prazo, chamada de *memória permanente*, faz-se necessária uma *prática repetitiva*, ou *associações mentais inteligentes*, que ajudem a memorização.

O chamado “processo mnemônico” é capaz de desenvolver e facilitar a memorização, fazer associações tais, que o objeto a ser memorizado é fixado rápida e indelevelmente na memória. Todos os recursos mnemotécnicos podem e devem ser usados no aprendizado da taquigrafia e no treinamento da velocidade. A prática repetitiva é insuperável para fixar, na *memória permanente*, os sinais taquigráficos e os sinais convencionais. É fato incontestado: quanto mais enraizados estiverem os sinais taquigráficos na *memória permanente*, menos hesitação haverá e mais fluente e rápido será o apanhamento taquigráfico.

➤ DOIS SISTEMAS DE GRAFIA "CONVERSAM".

Um fato interessante que costuma acontecer, com aqueles que estão aprendendo taquigrafia, é taquigrafar mentalmente tudo que vê escrito em letreiros na rua.

Quando um aluno de taquigrafia, iniciante ou avançado, andando a pé ou num veículo, olha para um letreiro na rua, ele instintivamente taquigrafa "mentalmente" o que ali está escrito. Na verdade, ele praticamente lê, no novo sistema de escrita que está aprendendo (a taquigrafia) o que está escrito no sistema de grafia que ele já sabe (a grafia comum). É como se os dois sistemas de grafia "conversassem entre si".

A razão disto é fácil de explicar. Como o aluno está engajado no aprendizado de uma nova grafia, como o seu cérebro está envolvido nesse aprendizado, ele começa a praticar mentalmente a nova grafia e a fazer comparações com a grafia aprendida anteriormente.

É interessante notar que quanto mais o aluno está motivado no aprendizado da taquigrafia e quanto mais aplicado for esse estudo, maior será o grau de "conversa" entre as duas grafias. Há alunos que, ao lerem uma palavra num letreiro, costumam taquigrafar mentalmente a palavra, alguns chegando a fazer movimentos com o dedo, como se estivesse taquigrafando.

Essa "conversa" entre as duas grafias é salutar e eficiente para o aprendizado. Indica o grau elevado do desejo que o aluno tem de aprender a nova grafia.

➤ MOTIVAÇÃO E ALEGRIA DA VITÓRIA

Grandes músicos, atletas, e profissionais cujas atividades requerem altas doses de destreza, aptidão, mestria, proficiência, perícia, adquirem essa destreza através da motivação e, principalmente, do estudo aplicado. Motivados pela competição, pelo desejo do sucesso e pela alegria da vitória, não poupam esforços para atingir seus objetivos, estudam com viva paixão, treinam com afinco, fazem ensaios de modo aplicado, todos os dias, semanas, meses a fio. Costumam dedicar várias horas por dia ao treinamento para conseguirem chegar ao nível mais alto de uma habilidade.

Isso pode se dar também com aquele que está aprendendo taquigrafia, pois conta menos o dom inato, e mais o estudo aplicado e continuado, o objetivo, o autoestímulo, o intuito, a fixação no alvo, a concentração, o cuidado com cada detalhe, o exercício feito com esmero, a assiduidade, a disciplina, a frequência regular do treino, a reciclagem, a repetição incansável, o estudo regular, diário. Desta forma adquirem-se o saber e a prática de cada lição, o amadurecimento em cada patamar do aprendizado, consegue-se

a competência em cada nível de velocidade taquigráfica, e, a pouco e pouco, a experiência, as sutilezas e os segredos da arte taquigráfica.

➤ O EXTRAORDINÁRIO VALOR DA TAQUIGRAFIA

Como exercício para o cérebro, tem a taquigrafia um valor ímpar. Trata-se de um incomparável exercício de atenção e agilidade mental. Desenvolve a coordenação e a resposta motora. Aguça a inteligência. Exercita a memória. Cultiva e estimula a decisão precisa e rápida, a percepção e o discernimento. Desenvolve em alto grau a capacidade de concentração. Desenvolve a habilidade interpretativa. Aumenta a capacidade de ouvir nuances.